

Memórias religiosas no bairro carioca de Santa Teresa

João Marcus F. Assis – Doutor em Ciências Sociais. Docente e pesquisador da UNIRIO. Participa do Grupo de Pesquisa Memória e História de bairros do Rio de Janeiro vinculado ao Curso de História da UNIRIO. Coordenador de Pesquisa intitulada: Documentação Eclesial Católica: registros escritos e orais na constituição de memórias religiosas.
jmfassis@hotmail.com

Maria Evonilde Chaves – Psicóloga e Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia e participante do Grupo de Pesquisa Memória e História de bairros do Rio de Janeiro vinculado ao Curso de História da UNIRIO.
evoassis@yahoo.com.br

RESUMO

O nostálgico bairro de Santa Teresa na cidade do Rio de Janeiro é por si só, um convite a recordações. Apesar de localizado na região central da cidade, pouco sofreu com modificações arquitetônicas, conservando antigos sobrados, templos, ruas estreitas sem calçadas, o bonde e uma aparência provinciana. Segundo seus moradores, pouca mudança tem ocorrido naquele lugar. Entre outras perspectivas nessa pesquisa sobre o bairro carioca, nosso enfoque é o caráter religioso presente nas memórias de seus moradores. Focamos nossa análise na construção de pertencimentos sociais possibilitadas pela experiência religiosa dos entrevistados. Nosso interesse encontra-se na abordagem sobre a inserção da experiência pessoal na constituição da memória sobre o bairro e como a vivência religiosa contribui para tal inserção.

Palavras-chave: Bairro de Santa Teresa. Memória Social. Identidade Religiosa.

ABSTRACT

The nostalgic district of Santa Teresa itself, in Rio de Janeiro City, invites to a voyage across memories. Despite of its geographical positions, placed in the center of the city, Santa Teresa hasn't suffered so much with the architectonic modifications along the time. Its old lofts are preserved as well as its temples, narrow streets without sidewalks and the streetcar, presenting a kind of provincial appearance. According to its inhabitants, very few changes may be observed in that space. Thus, among many aspects we will emphasize, in our research about Santa Teresa, the religious character that is very evident in the memories of the people that live there. We will also investigate the construction of social ties stimulated by the personal religious experience of each interviewed. Finally, we will concentrate in the importance of the personal experience for the construction of the memory of a certain district and how the religion experience may contributes to it.

Key-words: Santa Teresa. Social Memory. Religious Identity.

Este trabalho é resultado de pesquisa sobre a constituição de memórias em bairros da cidade do Rio de Janeiro, RJ.¹ No momento nos atemos ao bairro de Santa Teresa, localizado na região central da cidade. Tomamos como referência, moradores de um bairro carioca com especificidades ressaltadas por seu caráter bucólico e saudosista, o bairro de Santa Teresa.

Optamos pelo Método da História Oral como forma de coleta e análise de dados. Esta se adequa aos nossos propósitos de pesquisa, pois permite perceber a Memória como construção e reconstrução permanentes em meio ao jogo de forças da sedimentação e das transformações sociais. São atualizações constantes do processo identitário de sujeitos e coletividades que, ao mesmo tempo cedem a determinados critérios necessários de atualização às novas exigências do presente, pois é aí no presente que as memórias se constituem e se renovam, ao mesmo tempo em que apresentam elementos de reconhecimento social em substratos que resistem ao tempo.

Neste artigo visamos encaminhar nosso debate para a análise do processo de constituição de um ordenamento de trajetórias tanto em âmbito individual quanto coletivo tendo a religião como elo de vinculação ou de coesão frente à fragmentação das relações sociais na cidade moderna. Alguns elementos são fundamentais para compreendermos tal processo, como a função do espaço e do tempo na visão sobre a experiência pessoal e coletiva no bairro e na cidade, a cosmologia religiosa que embasa tal visão e o processo narrativo como con-textualizador da subjetividade contida nessas experiências.

Cidade moderna e cosmologia religiosa

Na sociedade moderna, a cidade apresenta-se para as Ciências Sociais como um complexo e intrincado emaranhado de relações sociais. O espaço urbano amplia a possibilidade de pertenças e de adesão a valores identitários antes inimagináveis, sendo um dos elementos fundamentais para entendermos o mundo contemporâneo. Contribui ainda para transformar nossa experiência e visão sobre o espaço e o tempo. Não se encontra em jogo somente o entendimento tradicional sobre tais elementos, mas ampliam-se as referências a espaços e tempos imaginários e virtuais (BARROS, 2006).

No início do século XX, pesquisadores interessados no fenômeno social urbano se debruçaram sobre seus diversos aspectos. Para os sociólogos e antropólogos da denominada Escola de Chicago a cidade se constituía em um grande laboratório de pesquisa. Entretanto, o que é designado por tais pesquisadores como “fenômeno urbano”, ultrapassa os próprios limites ou fronteiras da cidade, constituindo-se em verdadeiro modo de vida. Tal modo de vida exerce poder de influência para além do centro da cidade, congregando e interligando outras áreas, povos e atividades, mesmo remotas.

Na distinção do urbanismo como forma de vida, três elementos apresentam-se como relevantes, sendo eles o tamanho do agregado populacional, a densidade e a heterogeneidade.

(WIRTH, 1987). No que concerne ao primeiro elemento, podemos dizer que o aumento do número de indivíduos em um grupamento significa uma maior diferenciação entre eles e uma significativa variação de laços pessoais, ocupações, culturas e idéias. Os vínculos entre tais indivíduos sofrem também uma perda de coesão, podendo mesmo desaparecer, assim como acarretar a impossibilidade de grande número de relações pessoais diretas.

O segundo elemento, a densidade, significa a relevante concentração humana num espaço limitado, o que também ocasiona diferenciação e especialização. Fatores físicos como acessibilidade, salubridade, determinam o atrativo para certas áreas, enquanto fatores significantes como renda, características raciais e étnicas, preferências e preconceitos contribuem para se efetuar uma seleção na ocupação espacial. As formas de seleção e ocupação contribuem para gerar uma variação dentro do espaço urbano, destacando suas áreas pelas funções especializadas que lhes cabem. Em uma realidade onde os contatos físicos são estreitos, mas os contatos sociais distantes, privilegia-se o reconhecimento visual. Dessa forma, o uniforme, a vestimenta, os sinais, passam a orientar as relações.

Por fim, o terceiro elemento destacado por Wirth, a heterogeneidade, conduz à percepção de que a interação social em um universo variado, tende a complexificar a estruturação de classes devido a uma considerável mobilidade do indivíduo entre diversos grupos diferenciados. Isso conduz a um “status flutuante” (WIRTH, op. cit., p.104), o que acarreta a aceitação de uma instabilidade e insegurança. O indivíduo filia-se a diversos grupos sem que nenhum deles detenha sua fidelidade exclusiva. Cada grupo é uma referência a um segmento da personalidade individual. Como decorrência da circulação e da mobilidade social, ocorreria uma rápida e constante substituição dos membros dos grupos.

O desenvolvimento do transporte e da comunicação ampliou as oportunidades de associação e multiplicou os contatos, ao mesmo tempo tornadas transitórias e instáveis. Assim, as relações sociais são complexificadas e são constituídos tipos individuais novos e divergentes. As áreas denominadas de vizinhança, de contato e proximidade entre vizinhos vão perdendo em significância frente ao universo da cidade. Uma vez que ao indivíduo é possibilitado viver em diversos mundos diferentes, a permanência e a intimidade da vizinhança tendem a ser destituídas ou transformadas em seu significado.

A partir das contribuições desse teórico vinculado ao pensamento da Escola de Chicago, podemos entender que a vida urbana apresenta-se na busca do equilíbrio entre a liberdade e a segurança. O cotidiano urbano na contemporaneidade conduz a transformações no entendimento das noções espaciais e temporais sedimentadas pelas ciências até então. As práticas cotidianas impactadas pela introdução e institucionalização das inovações tecnológicas conduzem a novas experiências. Pode haver conflitos entre o “tempo social” e o “tempo local” onde se encontram ou pelos quais passam os indivíduos no decorrer de seu dia (GUMBRECHT, 1998).

Essa nova experiência contemporânea traz também a possibilidade de se inserir e interagir com uma multiplicidade de mundos. A televisão, a internet, os diversos meios de comunicação e informação. Embora a mutabilidade e variabilidade sejam evidentes, o tempo e o espaço na contemporaneidade se caracterizam pela continuidade amorfa provinda de um alongamento do tempo presente, uma protelação do tempo futuro e a convivência de uma multiplicidade de temporalidades vivenciadas simultaneamente.

A liberdade no mundo urbano contemporâneo estaria nas possibilidades de inúmeras pertencas. Cada usuário pode selecionar e combinar, individualmente a multiplicidade de mundos que lhe é apresentada. O espaço e o tempo encontrar-se-iam, portanto, submetidos à vontade individual. Entretanto tal liberdade ou autonomia conflita com a necessidade de segurança (BAUMAN, 2003). É possível, por isso, entendermos o reforço feito, em diversos ambientes, para uma recuperação do sentido do bairro, da vizinhança, das ações comunitárias e coletivas em nível local.

O autor citado acima demonstra que a liberdade e a segurança entram em conflito pela prevalência na vida do indivíduo. A busca por relações “comunitárias” seria o exemplo mais imediato de tal conflito. Buscamos gerar um círculo de pertença e de confiabilidade ao mesmo tempo em que limitamos nossas ações à aceitabilidade do grupo. É sempre um jogo de perdas de ganhos.

Como afirmamos no início desse artigo, a religião é um caminho para a segurança frente ao caos moderno. Não parece sem propósito que o reforço atual seja o de pertença a uma congregação, uma igreja ou a um grupo religioso. Tal evidência pode ser observada principalmente no universo cristão. O catolicismo, por exemplo, desde os anos de 1960 vêm buscando sedimentar tal forma de pensar e agir, impulsionando uma participação do fiel a partir da pertença a determinado grupo (ASSIS, 2008). Talvez o conflito maior esteja na impossibilidade de controle religioso sobre as várias pertencas individuais, o que não conseguiria garantir uma adesão religiosa única ou mesmo uma adesão decisiva à instituição religiosa.

Entretanto, não é essa nossa discussão nesse artigo. O que aqui nos interessa é pensar a religião como tentativa de inscrição em trajetórias pessoais e coletivas em um determinado bairro, o bairro carioca de Santa Teresa, sendo a constituição de subjetividades um processo relevante nesse projeto.

Subjetividade, narração e memória

Quando nos perdemos nos meandros do esquecimento ou segundo Freud, do inconsciente, o que nos salva é a capacidade que temos de fazer memória, narrando o vivido, evocando o passado no presente. Muito embora os contextos sejam diferentes, passado e presente, ambos constituem nosso tempo histórico.

Por meio da narrativa as pessoas expressaram a compreensão que elas têm de si dentro do contexto a que se referem e o que apreendem desse contexto. Segundo Lane (1984), trata-se de uma fala condicionada ao quanto se conhece do espaço focado.

Por sua vez, Benjamin (1994) entende a narrativa como forma artesanal de comunicação e ao mesmo tempo o meio facilitador capaz de refletir a experiência vivida pelo ser humano. Por sua característica oral a narrativa mantém as tradições e as transmite. Há espaço para livre interpretação da história narrada, dando ao episódio uma amplitude não contida na mais recente forma de comunicação que é a informação. Segundo ele, um acontecimento lembrado não tem limites, pois trata-se apenas de uma chave para tudo o que veio antes e depois. É um meio de intercambiar experiências. A narrativa torna o ouvinte em outro potencial narrador, como aproximação da experiência tal como ela foi vivida pelo narrador.

A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada. Não tendo a preocupação de informar e sim de contar sobre o vivido. A experiência narrativa passa, portanto, pelo espaço da subjetividade.

Apoiada em Vigotsky, Gonçalves (2001) aponta a subjetividade como constitutiva da mediação nas relações sociais, onde o plano intersubjetivo converte-se em plano intra-subjetivo, mediada pela linguagem. Trata-se de um instrumento que internaliza, ao nível da categoria psicológica, a objetividade das relações sociais.

O homem moderno foi investido de disciplina capaz de configurar uma individualidade e uma interioridade, fabricadas por meio de mecanismos que visam circunscrevê-lo nos espaços habitados, no controle de suas atividades e na organização do seu tempo (Foucault, 1984).

Focalizando o pensamento de Guattari, Leite e Dimenstein (2002) apontam a subjetividade como capaz de descrever o conjunto das condições que torna possível que as instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território auto-referencial. Cabe ao modo de subjetivação expressar-se num plano coletivo, capaz de conectar o indivíduo ao processo grupal.

Por este motivo, a produção de subjetividade encontra-se inscrita nas esferas, conscientes, inconscientes, dos afetos e da memória. Não é difícil constatar tal assertiva, uma vez que a mídia associa determinados produtos lançados no mercado a um estilo de vida, a uma modalidade subjetiva. Isso se dá por meio das propagandas diversas como de cigarro, moda, alimentos, no cuidado com o corpo, nas literaturas descartáveis, entre outras. A subjetividade apresenta-se também como relevante na constituição de agentes sociais, como é nossa perspectiva de abordagem neste trabalho.

O ordenamento religioso cristão no bairro de Santa Teresa

Nosso debate insere-se em um universo de pesquisa mais amplo que é o projeto de investigação sobre memória e história de bairros do Rio de Janeiro a partir de um grupo de pesquisadores envolvidos nos mais diversos aspectos do espaço social dos bairros. Na

etapa atual do projeto estamos abordando tal perspectiva a partir do bairro de Santa Teresa, sendo nosso interesse específico, dentre os interesses dos demais pesquisadores as instituições religiosas e seus agentes. Aqui nos utilizaremos da narrativa oral de três de nossos entrevistados, o pároco católico da Matriz de Santa Teresa, Dona Guiomar, fiel católica, antiga moradora do bairro e a Reverenda Inamar, pastora Anglicana da Catedral de São Paulo, localizada no bairro.

Santa Teresa apresenta aspectos interessantes quanto ao exposto acima, pois seus moradores, visitantes ou admiradores o identificam como um espaço atípico frente ao contexto geral da cidade.

Mas hoje eu aprecio Santa Teresa, eu gosto muito do bairro, porque é um bairro com o qual eu tenho muitas afinidades. A identidade bem demarcada que o bairro tem. Tudo me lembra um pouco as cidades do interior, pois Santa Teresa tem algo assim, então me lembra um pouco as minhas raízes, de algum modo, e também o fato de ser poeta.

Afirma Padre Silmar, morador do bairro há aproximadamente quatro anos. Em seus trabalhos religiosos havia morado anteriormente no bairro da Barra da Tijuca e identifica várias diferenças entre os dois bairros. Acostumado com o outro bairro, sua identificação com Santa Teresa parece ter se dado, ao menos pelo apresentado em sua narrativa, por aspectos relacionados com sua trajetória subjetiva, a infância em uma cidade do interior e a arte da poesia. Afirma que “Não há nenhum bairro no Rio tão poético como o de Santa Teresa e mais adequado para um poeta viver e também para um sacerdote, pois o bairro tem aquele silêncio, aquela solidão que favorecem à vida contemplativa.” Nessa segunda referência ao bairro o aspecto religioso também é ressaltado. A vida contemplativa, ou seja, o aspecto da oração religiosa na vida do sacerdote é identificado aqui devido a uma tendência pessoal de Padre Silmar, o qual já havia passado por uma experiência religiosa contemplativa, monástica anteriormente.

Já para a Reverenda Inamar, Pastora Anglicana, a relação com o bairro se deu por sua admiração quanto à preservação do valor arquitetônico histórico e cultural dos prédios.

Todo mundo tem esse sentimento aqui, de que ela deve transparecer a história, preservar a história do Rio e uma das minhas primeiras impressões quando eu cheguei aqui foi algo que eu nunca tinha sentido na vida. Quando eu cheguei aqui eu pensei que queria ter vivido na década de 30 ou de 60 pra ver isso daqui pegando fogo! Ver os bailes acontecendo, as casas tinindo com a pintura novinha, sem infiltração, sem água, sem nada e queria... Eu nunca quis viver antes dos anos setenta porque eu nasci em 1970 e eu nunca quis viver, eu queria viver a minha época, mas foi a primeira vez que eu disse que queria ter vivido num tempo anterior da historia pra ter visto isso aqui no seu apogeu. Eu queria, me deu esse gosto.

Mesmo não morando no bairro por questões familiares referentes a locomoção dos filhos e do trabalho do marido, também pastor anglicano, Rev. Inamar ressalta ter se

admirado quanto à localização e à dinâmica interna de seus moradores. Segundo ela, é um bairro com intenso fluxo e movimento de pessoas, não um local monótono.

Porém, mesmo identificando-se com características que remetem a tempos passados, quando a cidade apresentava uma estruturação mais tranqüila, onde as pessoas cultivavam relações interpessoais diretas, o bairro passa por questões que recondicionam o entendimento sobre o espaço e o tempo. A própria coleta da narrativa oral de Dona Guiomar, uma senhora de mais de noventa anos, na varanda de sua casa em uma tarde fresca da primavera carioca remete a cenários de tempos passados. Suas lembranças vão buscar recuperar o tempo de infância, das brincadeiras com os irmãos e colegas, as festas religiosas do bairro, ainda chamadas de quermesses e da vida familiar. Seu pai, motorista particular foi morar no bairro quando ela ainda era um bebê de colo, para acompanhar o patrão que se mudara.

Entretanto, Dona Guiomar percebe claramente a mudança dos tempos e os impactos na vida do bairro.

O Morro da Coroa que agora é a favela mais próxima de nós, não tinha ninguém. Eu vou te contar uma coisa. Ele tinha, era um capinzal e em cima, ele se chama coroa porque em cima era sem nenhuma planta, porque os homens, os garotos, inclusive meu irmão, iam pra lá jogar futebol. Um dia que eu fui a pé para as Neves, que eu olhei o morro cheio de casa eu chorei de tristeza, que pra mim aquele morro era só capim e quando ventava como agora, o capim fazia as ondas e ia mudando de cor. Era muito bonito, era poético.

Suas lembranças vão buscar em personalidades políticas ou artísticas a identidade do bairro. Os nomes das ruas do bairro, lembrados por ela, vai demonstrando a entrada de tais personalidades na identificação física do bairro. É o imaginário se alocando no espaço. Assim a Rua do Aqueduto passa a se chamar Almirante Alexandrino depois da morte do Almirante, o Parque das Ruínas é a antiga casa de Laurinda Santos Lobo, mecenas de diversos artistas.

Assim também a religião mudou. Ela se lembra dos padres que passaram pela administração da Igreja Matriz, mas um é ressaltado não só por ela, como também por Pe. Silmar, Monsenhor Nabuco, filho de Joaquim Nabuco o abolicionista. Aquele era um padre bastante austero e rígido, figura que molda o imaginário católico dos fiéis mais velhos.

Há aspectos mais particulares, como esse que o Monsenhor Nabuco pegava o barrete dele e passava coleta na missa, ou quando encontrava um paroquiano que tinha faltado à missa ele ia atrás do mesmo na rua e dizia: - mas por que você faltou à missa? - coisas assim, todas consistentes em seu trabalho pastoral. Ele era um homem culto e refinado, até o Ibrahim Sued dizia que entre os homens mais elegantes da cidade estava o Monsenhor Nabuco. Já a Raquel de Queiroz dizia que ele era um típico austero inglês.

Porém, outros aspectos menos pitorescos da presença de Monsenhor Nabuco na memória do bairro são ressaltados pelo padre, como sua formação intelectual e suas atribuições na administração da Igreja Católica.

Monsenhor Nabuco, filho do político abolicionista e embaixador Joaquim Nabuco. Ele era um grande liturgista, tanto que participou ainda como perito do Concílio Vaticano II. Ele era um homem bastante culto, poliglota. Falava bem o latim, francês, inglês e, claro, o português. Foi Camareiro Supranumerário do Santo Padre, Prelado Doméstico e Protonotário Apostólico. Especializou-se em arquitetura eclesiástica, tendo por isto sido comissário de Sua eminência, o Sr. Cardeal Mota, para a nova construção da Basílica de N. Sra. Aparecida, Padroeira do Brasil. Foi jornalista inclusive com uma coluna no Jornal do Brasil. Era bibliófilo. Foi membro da comissão litúrgica preparatória para o Concílio do Vaticano II e Consultor da Sagrada Congregação do Cerimonial. Era um homem notável.

Aliás, a principal dificuldade encontrada por Pe. Silmar no contato com o bairro é sua vocação para a intelectualidade, assim como para a boemia. Segundo sua visão e a de Dona Guiomar, os intelectuais e artistas tendem ao ateísmo, ou ao menos a uma forma de adesão religiosa que não se vincula ou necessita da instituição. A vocação para a boemia e para o acolhimento de artistas e intelectuais é um elemento marcante na configuração atual do bairro. Movimentos culturais como o *Arte de Portas Abertas* visa, em meio a uma vasta programação artística e cultural, abrir os ateliês de artistas locais para visitação. Tal aspecto tem modificado a relação de visitantes e admiradores com o bairro. O carnaval, por exemplo, tem atraído um maior número de foliões a cada ano, o que apresenta-se como preocupação para alguns devido à fragilidade do bairro em termos de transporte e segurança para acolher um grande aglomerado de visitantes.

Na possível vinculação entre a religião e a arte encontra-se a preocupação dos entrevistados. A possibilidade de encontro entre ambos é uma expectativa. Dona Guiomar, por exemplo, professora de música e participante de corais, quando interrogada sobre o motivo de ser uma artista e crente ao mesmo tempo, primeiramente diz não se entender como artista, e que sempre foi muito criticada por manifestar sua fé. Segundo ela, todo artista, mesmo que manifeste alguma religiosidade, mantém-se como ateu, caracterizado pela não adesão a uma instituição religiosa.

Algumas atitudes têm sido desenvolvidas no sentido de uma aproximação. Exemplos disso são os filmes que eram exibidos no espaço do Templo Anglicano motivados pela Rev. Inamar.

Nós tivemos a parceria com o Cine Santa Teresa e passamos vários filmes aqui na igreja e um dos que mais evangelizou foi esse que você citou, Super Size-me. Foi o que mais evangelizou porque as pessoas que assistiram, se deram conta do quanto prejudicavam a sua saúde com essa comida fácil que parece que é barata, mas não é, sai muito cara pro

corpo e eu acho que ele... A parte cultural do nosso tempo, nosso mundo como parte cultural e da sociedade, o cinema serve pra fazer certas denúncias e chamados, que às vezes os trabalhos comunitários estão fazendo mas não têm apoio, não têm voz.

A tentativa era a de, a partir do espaço religioso do templo, abrir-se um canal de comunicação com outros agentes sociais por meio do trabalho de conscientização. Embora o Cine Santa Teresa tenha conseguido um espaço autônomo para exibição de filmes, a Reverenda ainda espera que se re-constitua a parceria entre Igreja e agentes sociais do bairro.

Pe. Silmar, por sua vez aposta também na abertura do espaço religioso para a manifestação artística. Para isso desenvolve parceria com agências públicas e, exemplo disso são os eventos musicais que ocorrem na Igreja Matriz². Além disso, há eventos promovidos pelo padre por solicitação de algum artista amigo ou conhecido pessoal dele. É um momento de presença de pessoas que não estão vinculadas diretamente à Igreja Católica. Outro exemplo é a Semana Santa com a procissão da Sexta-Feira da Paixão. É um evento religioso, ao mesmo tempo apoiado pela Prefeitura com a intenção do incentivo turístico.

Nesse ponto é possível verificar o que afirmou Pe. Silmar em um momento de sua entrevista, que “o profano se confunde com o sagrado”. Entretanto, no pensamento dos entrevistados identificados nesse texto, de uma maneira geral, parece existir a expectativa do religioso como explicação e organização de experiências individuais e coletivas. Quando, por exemplo, Pe. Silmar, interrogado sobre a propagação de Igrejas Evangélicas Pentecostais afirma acionando o caráter identificatório de fundo católico: “Eu acho que o bairro tem uma identidade, embora eu já tenha falado isso para você, tem uma identidade católica que, mesmo que tenha se perdido de algum modo, não abriu espaço para essas igrejas, porque o pessoal aqui é boêmio, o pessoal gosta de ser mais livre”. A “mineiralidade”, como identifica o padre, referindo-se à característica dos mineiros de se manterem católicos mesmo que somente por tradição seria uma explicação para a base católica no imaginário do morador de Santa Teresa. “Aqui tem uma identidade católica que ainda se conserva, mas não como no passado. De algum modo isso ficou, e tem também esse outro dado, da boemia, dessa vida mais livre”.

Enfim, as falas dos entrevistados apontam para o universo de aproximação mais do que de distanciamento entre o religioso e o social ou entre, na fala de Pe. Silmar, entre o sagrado e o profano.

Considerações finais

A religião, na perspectiva de Weber (1974; 2003), contribui para moldar uma racionalidade moderna, servindo de base para um posicionamento diante das relações sócio-econômicas e culturais. Portanto, o universo religioso é pensado aqui como fundante para a organização social. Os aspectos “religiosos” da religião irão se manifestar na forma de

organização coletiva. Nesse processo a subjetividade parece-nos fundamental uma vez que ela contribui para constituir nosso estar, ser e ver o mundo.

O bairro não pode prescindir das características de seu surgimento e de sua denominação. Ele é nomeado a partir do estabelecimento do Monastério das Carmelitas Descalças, Ordem Religiosa que se alicerça na reforma efetuada por Santa Teresa de Jesus, definida pela Igreja Católica como patrona dos intelectuais.

Constantemente os campos religiosos e sociais se encontram, mesmo que caracterizados em manifestações culturais individuais ou coletivas. Algumas delas já foram apontadas anteriormente, outra é o encontro entre o carnaval, festa eminentemente “profana” e a vocação religiosa do bairro. O bloco das Carmelitas é um típico exemplo disso, onde se misturam, de forma bem humorada a “freira” que foge para brincar o carnaval e o desejo dos foliões em que o religioso também se manifeste na alegria da festa, talvez a confirmar a validade e a não dessacralização negativa dos folguedos³.

Talvez nesses espaços de abertura para o cultural, o artístico, o intelectual e o boêmio estejam as expectativas de respostas do religioso ao social no sentido de encontrar pontos de encontro e equilíbrio no ordenamento individual e coletivo da subjetividade humana.

Notas

¹ Projeto Memória e História de Bairros do Rio de Janeiro vinculado ao CCH da UNIRIO. Tem o apoio e colaboração da ONG Viva Santa, a qual atua no bairro de Santa Teresa, RJ. Uma versão modificada deste artigo foi apresentada no I Seminário Internacional do Núcleo de Estudos das Américas (NUCLEAS) da UERJ em 2007.

² Projeto Musica nas Igrejas, patrocinado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

³ Bloco carnavalesco que desfila pelas ruas de Santa Teresa desde 1991. O “enredo” do bloco conta que uma das freiras teria pulado o muro do convento de Santa Teresa no carnaval e se misturado aos foliões. O bloco faz dois desfiles, um no início dos festejos carnavalescos com uma boneca representando a freira que fugiu e outro no término do carnaval para “devolver a freira” ao Convento.

Bibliografia

ASSIS, João Marcus Figueiredo. *Negociações para o convívio no catolicismo na Diocese de Nova Iguaçu – RJ*. (2008. 285p.). Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, RJ. 2008.

BARROS, José D'Assunção. “História, Espaço e Tempo. Interações necessárias”. *Varia História*, v.22, n. 36. jun/dez 2006. Belo Horizonte. P. 460-476.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: história das violências nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1984.

GONÇALVES, M. G. M. “A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica”. In: A. M. B. Bock et al. (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica*: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez. 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Espaços de tempo pós-moderno”. In: _____. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora34, 1998.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. "Linguagem, pensamento e Representações Sociais". In: CODO, Wanderley. (org.) *Psicologia Social. O Homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.32-39.

LEITE, Jader F.; DIMENSTEIN, Magda. "Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade". *Revista Mal-estar e Subjetividade*, v. II, n. 2, set de 2002. Fortaleza. p. 09-26.

WEBER. Max. *Ensaio de Sociologia*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

_____. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2ª Ed. Rev. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

WIRTH. Louis. O Urbanismo como modo de vida. In.: VELHO, G. (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

Qq